



## “EU VOU LER MEU ABC PRA JOGAR COM VOSMICÊ, CAMARÁ”: ALFABETIZAÇÃO, REFORÇO ESCOLAR, CAPOEIRA E JUSTIÇA EPISTÊMICA NA COMUNIDADE

**Coordenador (es):** Tales Bedeschi Faria

**Membros da equipe:** Janaina Rocha Kiel (servidora); Lucas Carvalho Soares de Aguiar Pereira (servidor); Laura Mendes Campos (bolsista); Ana Júlia Gonçalves Braga (voluntária); Brisa Souza (colaboradora externa); Victória de Paula (colaboradora externa).

**Campus:** Santa Luzia

**Área Temática:** Educação

### RESUMO

O projeto busca promover ações educativas que transitam entre dois territórios: o IFMG *campus* Santa Luzia e a Comunidade Esperança - Ocupação Izidora, adjacente *campus*. Atua em duas frentes: a) o fortalecimento da cultura escolar/acadêmica de adolescentes, por meio de aulas de alfabetização e reforço escolar e b) a valorização de saberes tradicionais afro-brasileiros, por meio de treinos de Capoeira Angola, orientados por Mestre João Angoleiro (João Bosco Alves da Silva), detentor de notório saber na área. As aulas de capoeira angola acontecem no território da Comunidade, enquanto as aulas de reforço escolar acontecem no IFMG, conformando uma formação integral, que envolve corporalidade, ancestralidade, conscientização política e preparo para o mundo escolar e do trabalho. O projeto prevê, também, a elaboração de materiais didáticos, inspirados nas propostas pedagógicas de Paulo Freire e de Mestre João Angoleiro, os referenciais teóricos. Tais materiais poderão ser incorporados pelas disciplinas de Arte e História dos Cursos Técnicos Integrados do *campus*, em vista do cumprimento da Lei nº 11.645/2008. Dentre os resultados do projeto, há dezenas de aulas de reforço escolar e de capoeira angola, além de uma transformação da postura de crianças e adolescentes diante da própria corporalidade, identidade e sua trajetória escolar, por meio de uma nova rotina e vínculos afetivos junto aos integrantes do projeto.

**Palavras-chave:** *Justiça epistêmica; Paulo Freire; Capoeira.*

*O aprendizado da leitura e da escrita não pode ser feito como algo paralelo ou quase paralelo à realidade concreta dos alfabetizandos. [...] Mais que escrever e ler que a “asa é da ave”, os alfabetizandos necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado: o de “escrever” a sua vida, o de “ler” a sua realidade, o que não será possível se não tomam a história nas mãos para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos (Freire, 2015, p. 20).*

### INTRODUÇÃO

A educação, quando compreendida como prática emancipatória, não se limita a transmitir conteúdos, mas abre caminhos para que os filhos de setores sociais historicamente marginalizados reconheçam seu valor e sua potência de transformação de si



e do local em que vivem. É nesse horizonte que se insere o projeto aqui apresentado: uma experiência que une o vigor e o ritmo da capoeira angola – vista como luta ancestral pela liberdade – com a potência da alfabetização e do reforço escolar. Criam-se espaços de trocas, onde saberes acadêmicos e saberes tradicionais ganham força, na formação de crianças e adolescentes, em complementaridade. Mais do que uma intervenção pedagógica que associa um esporte a um estudo, trata-se de um gesto coletivo de valorização cultural, de fortalecimento de identidades e de construção de justiça epistêmica no coração de um território em luta.

O projeto de extensão *“Eu vou ler meu abc pra jogar com vosmicê, camará”*: *alfabetização, reforço escolar, capoeira e justiça epistêmica na comunidade*, vinculado ao LAPES - Laboratório Integrado de Práticas Educativas, grupo de pesquisa do IFMG *campus* Santa Luzia, tem, como objetivo, promover ações educativas no território da Comunidade Esperança - Ocupação Izidora, adjacente ao *campus*. Essa atuação se dá em duas frentes: a) o fortalecimento da cultura acadêmica de adolescentes, por meio de aulas semanais de alfabetização e reforço escolar, com foco em Língua Portuguesa, História, Geografia e Matemática e b) a valorização de saberes tradicionais afro-brasileiros, por meio de treinos semanais de Capoeira Angola, orientados por Mestre João Angoleiro (João Bosco Alves da Silva), detentor de notório saber em Artes, Capoeira e Dança afro-brasileira.

O território da Izidora já foi considerado o maior conflito fundiário da América Latina. Por meio de ações pedagógicas voltadas para jovens em situação de vulnerabilidade e baixo rendimento escolar na rede pública da região, o projeto acompanha as reflexões de Paulo Freire (2015, 2023), encarando a educação em sua dimensão emancipatória: um ato profundamente político, que tem por horizonte a libertação dos sujeitos historicamente marginalizados. A capoeira angola, como um dos eixos centrais do projeto, não será abordada apenas como elemento artístico ou esportivo, mas um sistema de conhecimento que engloba história, filosofia, música, canto, dança, jogo, luta e ancestralidade. Vista, por Mestre João Angoleiro, como “prática de preparação dos corpos para a liberdade”, se firma como ferramenta poderosa em torno de uma educação integral (físico, mental, espiritual) do indivíduo em coletividade.

Com vocação de ensino, pesquisa e extensão, o projeto dialoga com as determinações da Lei nº 11.645/2008 (que torna obrigatório, para a rede de educação formal, o ensino das histórias e culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras), na criação



de um campo experimental de educação e elaboração de materiais didáticos numa aliança entre comunidade e escola, entre cultura tradicional (baseada na oralidade) e cultura acadêmica (baseada na escrita). Ao envolver ativamente técnicos administrativos em Educação, estudantes, professores do IFMG *campus* Santa Luzia, dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, promove não apenas o vínculo com o território, mas a formação integral de estudantes da instituição, despertando vocações extensionistas, habilidades pedagógicas e o compromisso ético com a transformação social. Divulga, por fim, os cursos e ações do IFMG junto à comunidade local, estimulando o acesso à educação pública e gratuita para jovens em situação de vulnerabilidade social.

### **DESENVOLVIMENTO (FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA)**

A perspectiva freireana (Freire, 2015) sustenta que a alfabetização não se reduz à mera decodificação das letras, mas deve ser um ato político de leitura do mundo. Ao considerar os conhecimentos prévios dos estudantes e suas vivências no território, supera-se a concepção mecanicista da alfabetização, em que o professor elege as palavras, as decompõe, recompõe outras para, em seguida, formular textos. Para Freire, “as palavras geradoras - palavras do povo - são postas em situações problema (codificações), e como desafios que exigem respostas dos alfabetizandos” (Freire, 2015, p. 24). Essas respostas pedem, necessariamente, a análise da realidade, que vai se desvelando de forma crítica e positiva.

A obra de Freire (o terceiro pensador mais citado no mundo, no campo das Ciências Sociais) ainda não havia sido associada ao arcabouço político e educativo ancestral da capoeira angola. Trata-se de um arcabouço ainda não decodificado pela Academia e que insere elementos inéditos a projetos de extensão ou pesquisa aplicada voltados para a construção de conhecimento e fortalecimento de arranjos sociais e culturais locais. Para solucionar o problema específico do baixo rendimento escolar de crianças e adolescentes - associado à baixa auto-estima, questões da identidade, racismo e vulnerabilidade social - o atual projeto inova, ao trazer os elementos ancestrais da cultura afro-brasileira, ligados à preparação de corpos para a liberdade: não apenas posturas básicas, movimentos de ataque e defesa da capoeira, mas também a memória crítica da opressão, presente nos cantos, e a habilidade de fazer música para lutar. Não é apenas a mente que se emancipa, mas o corpo. Segundo Mestre João Angoleiro:



Não é possível pensar em contemplar as determinações da Lei nº 11.645/2008 sem considerar a dimensão da corporalidade. Os arcabouços sógnicos das culturas tradicionais indígenas, afrobrasileiras e africanas, que guardam os fundamentos, o *modus vivendi* tradicional e uma “corporeidade antiga” são as danças e as práticas culturais voltadas para tocar, cantar e dançar (ALVES; FARIA, 2024, no prelo).

No encontro entre as pedagogias freireanas e os saberes da capoeira, a leitura crítica do mundo é associada à ação de um corpo trabalhado em sua ancestralidade, que não apenas luta, mas também ginga diante das *situações-limite*. Cria condições para que os estudantes se vejam como capazes de intervir em sua história e abre a possibilidade de uma educação integral, crítica e culturalmente enraizada.

Duas aulas semanais de capoeira angola têm sido ministradas na Comunidade Esperança, a uma turma que variou entre 4 e 10 crianças e adolescentes. Segue-se a metodologia praticada por Mestre João Angoleiro, em seu terreiro/escola e não as formas convencionais da escola de ensinar. Para o atendimento a essas crianças, três turmas de reforço escolar foram abertas, com uma ou duas aulas semanais: a) alfabetização de crianças entre 9 e 14 anos; b) reforço para pré-adolescentes do 6º ano; c) reforço para adolescentes entre 14 e 17 anos, com foco no vestibular do IFMG *campus* Santa Luzia. Em todas elas, foram aplicadas avaliações diagnósticas, seja para identificar o nível de domínio dos conteúdos escolares ou introduzir as letras a partir de uma experiência em comum do grupo, por exemplo.

As bolsistas ou colaboradoras externas do projeto desenvolveram materiais didáticos específicos, assim como dinâmicas que atendessem melhor seu público. Para a alfabetização, por exemplo, a equipe produziu “pranchas freireanas” com *palavras geradoras* - as quais buscavam dialogar com o universo temático compartilhado pelo grupo: capoeira, futebol, pipa etc.

Dois estudantes foram atendidos em atividades psicopedagógicas, que uniu diagnósticos a atividades que destacavam os sentimentos e a autoestima dos estudantes, além da atenção, memória, percepção visual e auditiva e a sensação de pertencimento a uma origem e à realidade que eles mesmos escolhessem.

A transformação da postura das crianças e adolescentes participantes do projeto é visível, inclusive, pelos professores da Estadual Francisco Tibúrcio de Oliveira, na qual estão matriculados. Nota-se um maior comprometimento com a trajetória escolar, mais



interesse e disciplina com os estudos, assim como com a capoeira. Vê-se também o desenvolvimento das habilidades corporais, o manejo do jogo e movimentos da capoeira, assim como mais respeito e fraternidade entre os colegas, além do cumprimento de regras de convivência.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES (considerações finais)**

A assiduidade das crianças e adolescentes foi um dos maiores desafios, em todas as turmas. Em vários momentos, eles faltaram às aulas, por questões várias: problemas pessoais, escolares, mudança de casa, conflitos entre os participantes. Outras vezes, quando presentes, a motivação não os acompanhava, ou a concentração se fazia difícil. Em dado momento, percebemos que havia uma questão de autoestima em relação ao aprendizado. O adolescente de 14 anos que ainda frequenta o 6º ano, sentia-se desconfortável diante dos erros no processo de alfabetização. A adolescente do 9º ano negava-se a se inscrever no vestibular do IFMG, acreditando que aquela escola não era para ela. As intervenções psicopedagógicas nos permitiram observar as dificuldades com o sistema fônico de alguns participantes, assim como a questão da baixa auto-estima e confiança na trajetória escolar até então. Isso tem nos orientado para uma variação metodológica e inovações nas abordagens, associando, por exemplo, metodologias contemporâneas e tradicionais com a perspectiva crítica da alfabetização, delineada por Paulo Freire. Outra estratégia foi a simulação da carreira profissional das adolescentes, contabilizando o salário em diferentes profissões e o impacto na sua qualidade de vida. Apesar dessa dificuldade, o trabalho está contribuindo para o desenvolvimento escolar do público atendido.

Ao unir alfabetização, reforço escolar e capoeira, o projeto procura enfrentar a lógica social marcada pelo dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023), afirmando que meninas e meninos negros e periféricos não só têm direito à educação, mas também são produtores de conhecimento, herdeiros e criadores de saberes fundamentais para a vida em comunidade. Assim, a educação aqui praticada assume o papel de resistência à lógica racista que naturaliza desigualdades.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**



FARIA, Tales Bedeschi; SILVA, João Bosco Alves da. O corpo, o chão e o professor: capoeira e culturas tradicionais na escola monoepistêmica. In: **Corpo em contexto**. Volume 2. Editora UFV (no prelo).

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.